

CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de São PauloClass.: 97Data: 08.08.83

Pg.: \_\_\_\_\_

*Bororós marcam assembléia*

190  
CUIABÁ — Pela primeira vez, desde que foram contatados pelos brancos, em 1901, os índios Bororós, de Mato Grosso, vão reunir-se no período de 15 a 20 deste mês, numa grande assembléia que contará com a participação de representantes dos nove grupos Bororós existentes no Estado: Perigini, Córrega Grande, Piabage, Colônia, Tadarimana, Jarudore, Garças e Meruri.

Os Bororós — conforme revelou hoje uma comissão de líderes indígenas — vão analisar durante seis dias sua situação para, a partir daí, fazerem uma tomada de consciência, “porque a Funai não está resolvendo o problema do índio”.

Antes de serem assistidos pelo branco — relata o capitão da aldeia Jarudore, José Luís Quiarevara, um dos coordenadores do movimento — os caciques Bororós se reuniam periodicamente para discutir os seus problemas. “Havia união entre a gente, mas com a chegada do branco começou a haver desunião, problemas políticos e os Bororós ficaram totalmente desarticulados e abandonados.”

Depois de mais de 80 anos, os Bo-

rorós — que reconhecem o estado de abandono e atraso que vivem em relação a outros grupos indígenas, como os Xavantes, por exemplo — sentiram a necessidade de se unirem novamente para analisar em conjunto seus problemas e tomarem uma posição.

Por isso, entendem os líderes Bororós — José Luís Quiarevara; Vânder Meridogaro; Antônio Mário Arigabodo; Flávio Baruecrev; Geraldo Oicure; Henrique Alves Atroagari; Isaias Jacome Curecrev e Máuricio Mercuri — que a assembléia será “um marco histórico na luta indígena”.

Mais importante ainda é o fato de que a iniciativa do encontro entre os Bororós das nove comunidades partiu deles próprios mais precisamente do grupo de Perigara, um dos mais numerosos dos Bororós. O capitão José Luís, da aldeia de Jarudore, ao fazer o convite ao deputado Cauzo Sano (PMDB) para participar de sua assembléia, explicou que a reunião está sendo vista como “motivo de orgulho”, não só para os próprios Bororós, mas também para os indigenistas e missionários que trabalham junto àquelas comunidades.